

-- CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS --**Texto 9A1**

No cotidiano de todo brasileiro, podemos visualizar as marcas que constituíram, a partir do século XVI, a presença dos povos africanos, de origem Banto e Iorubá, no Brasil. Essa presença está nas palavras que falamos, na gestualidade que produzimos e no nosso modo de pronunciar a língua portuguesa falada no Brasil.

A entrada de grande número de africanos no Brasil, com suas diferentes culturas e línguas, passou por um processo de adaptação, de certo ajuste cultural e linguístico com a assimilação de novas palavras e, conseqüentemente, da forma como elas orientavam o entendimento da nova realidade vivida em português. Entretanto, ainda é possível visualizar a presença das palavras africanas nos diferentes espaços da cultura brasileira.

O Museu da Língua Portuguesa, ao expor o acervo de palavras africanas que entraram no vocabulário da língua portuguesa, favorece reconhecer a história da população africana no Brasil como agente da cultura e da língua portuguesa que se desenhava sobre este solo. No setor Palavras Cruzadas do museu, por exemplo, visualizam-se palavras que nos ensinaram a nomear determinados comportamentos, como: bagunça lengalenga, dengo. Essas são algumas das palavras africanas que continuam vivas a significar comportamentos e relações sociais. Outras ganharam o sentido de gíria na língua portuguesa falada no Brasil, como borocoxô, cafofo.

A cultura é algo que está no corpo, nos gestos, na memória, na forma de andar, no contorno das expressões verbais e não verbais. Não é possível perdê-la. A mudança de um contexto cultural para outro acompanha adaptações e recriações dadas em palavras, por isso podemos falar em um movimento de antropofagia simbólica no lugar de uma simples assimilação de palavras e práticas.

As línguas mudam ao acompanharem a história dos seus falantes. Esta é a história da língua portuguesa em solo brasileiro: ela também pode adaptar-se às novas relações linguísticas e culturais. No Brasil, a manutenção da estrutura latina da língua portuguesa não impediu que esta acolhesse uma nova sonoridade em relação à sua matriz e incorporasse um grande vocabulário de palavras que veio de outras línguas.

Como um detetive que reúne pistas para contar uma história, as palavras africanas expostas no acervo do Museu da Língua Portuguesa compõem o papel de traduzir os sentidos e significados compartilhados na cultura brasileira. É uma história nem sempre contada em livros didáticos, mas que carregamos conosco para os diferentes lugares a que podemos ir. A importância da língua portuguesa como um bem museológico se faz nesse ato de contar histórias que não são definidas por nós, mas são praticadas e vividas coletivamente.

Wilmihara Santos.

A presença africana nas palavras que falamos em português.
2018. Internet: <museudalinguaportuguesa.org.br> (com adaptações).

Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do texto 9A1, julgue os itens seguintes.

- 41 As palavras “conseqüentemente” e “entendimento” são formadas por derivação prefixal.
- 42 No último período do quarto parágrafo, o termo “antropofagia” é empregado com sentido metafórico, como resultado de uma comparação implícita.
- 43 Os vocábulos “língua” e “história” são acentuados graficamente em razão da regra que determina que se acentuem palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, seguido, ou não, de s.
- 44 O primeiro período do quarto parágrafo é construído com sentido conotativo.
- 45 Nos vocábulos “que”, “processo” e “adaptação”, identificam-se grupos de duas letras que representam um só fonema.

Em relação ao texto 9A1 e a aspectos gramaticais a ele relacionados, julgue os itens que se seguem.

- 46 Classifica-se como indeterminado o sujeito da primeira oração do segundo período do quarto parágrafo.
- 47 No primeiro período do último parágrafo, a conjunção “Como” classifica-se como subordinativa adverbial comparativa.
- 48 Dada a finalidade comunicativa do texto, é correto afirmar que nele predomina a função fática da linguagem.
- 49 No primeiro período do primeiro parágrafo, o segmento “as marcas” desempenha a função sintática de sujeito da oração que o sucede.
- 50 No último período do segundo parágrafo, a substituição de “Entretanto” por **Conquanto** manteria a correção gramatical e a coerência das ideias do texto.
- 51 No trecho “que nos ensinaram a nomear determinados comportamentos” (segundo período do terceiro parágrafo), completam o sentido do verbo da primeira oração um complemento direto — “nos” — e um complemento indireto — a oração regida pela preposição “a”.
- 52 No último período do texto, a substituição de “se faz” por **faz-se** manteria a correção gramatical do texto.

Espaço livre

O repórter conta antes do memorialista, e o torna inútil. Sabemos hoje de cada literato o que ele come e bebe, o clube esportivo a que se consagrou, o número de seus sapatos e de suas camisas, se é supersticioso, se ajuda a mulher em casa, se fila cigarros ou os compra, se tem medo de morrer e se ronca. O escritor deixa-se fotografar de pijama, brincando com os netos ou soltando pandorga na praia.

É visível que tais circunstâncias não deixam margem à sobrevivência dos gêneros clássicos da biografia, da autobiografia, do diário íntimo e das memórias. A fórmula jornalística superou a calma atitude do homem que sacava da pena de pato para confiar ao papel de boa fibra um segredo da juventude a ser revelado aos pósteros.

Essa contínua e imediata exposição do presente retira ao homem uma de suas dimensões essenciais, que é o passado. Inibe-o de recordar, porque ele já não acumula no esquecimento, para depois reviver. Sua vida vai desfilar ao alcance e à mercê de seus olhos e dos alheios, e, se está enfasiado de se assistir viver em todo o impudor dessa publicidade, só lhe resta apertar um botão e desfigurar essa espécie de aparelho supersônico em que, como num filme falado, nossa vida moderna se desenrola.

E, mais do que nenhum outro ser, o escritor precisaria de retraimento que o reconduzisse à intimidade consigo mesmo e às raízes da vida, que lhe cabe pesquisar e interpretar. Sua pessoa devia ser objeto de clausura perfeita, só interrompida pelos surtos naturais de sua avidez de comunicação, ou pelas atividades peculiares ao ofício.

Nem se chame a isto de solidão orgulhosa ou inumana, prejudicial às fontes da criação. O melhor ou o único, porque específico, do escritor é o que ele escreve; o mais se dilui nas condições comuns a todo cidadão.

Já é tempo de o escritor voltar a seu ofício.

Carlos Drummond de Andrade. *Memórias*.
In: *A manhã; suplemento letras e artes*, 15/3/1953.
Internet: <memoria.bn.gov.br> (com adaptações).

Considerando o texto apresentado, julgue os itens a seguir.

- 53 Conforme empregados no texto, os verbos “pesquisar” e “interpretar” (primeiro período do quarto parágrafo) pertencem ao mesmo campo semântico do vocábulo “ofício” (último parágrafo).
- 54 A expressão “o mais” (segundo período do penúltimo parágrafo) representa uma marca de oralidade reproduzida pelo autor no texto.
- 55 Após o primeiro parágrafo, predomina no texto a tipologia textual descritiva.
- 56 O segundo período do primeiro parágrafo apresenta uma enumeração de elementos que, estilisticamente, cumprem função simbólica, e não apenas referencial.
- 57 A linha de coerência argumentativa do texto, seguida em todos os seus parágrafos, pode ser resumida na afirmação de que repórteres contribuem para a reclusão do escritor.
- 58 Segundo as ideias do texto, a sistemática jornalística de expor detalhes da vida pessoal dos escritores tornou obsoletos alguns gêneros textuais.
- 59 No trecho “confiar ao papel de boa fibra um segredo da juventude a ser revelado aos pósteros” (último período do segundo parágrafo), o autor faz referência à produção do gênero textual que dá título ao texto.
- 60 Seria coerente com as ideias do texto interpretar a conjunção “E” (início do quarto parágrafo) como adversativa.
- 61 O vocábulo “porque”, no segundo período do penúltimo parágrafo, funciona como um operador textual argumentativo de valor conclusivo.

O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita precisam levar em conta, atualmente, a variedade dos modos de comunicação existentes, o que chamamos de multimodalidade. Nessa nova perspectiva, que se opõe às abordagens educacionais ocidentais mais tradicionais, devem-se considerar os modos de comunicação linguísticos — a escrita e a oralidade —, visuais — imagens, fotografias — ou gestuais — apontar o dedo, balançar a cabeça negativa ou afirmativamente, por exemplo. Essa diversidade de modos de comunicação foi incorporada tanto pelos meios de comunicação mais tradicionais, como livros e jornais, quanto pelos mais modernos, como computadores, celulares, televisão, entre outros. Dessa forma, professores precisam preocupar-se, atualmente, em ensinar não só as habilidades técnicas necessárias para manusear os diferentes meios de comunicação, mas também o metaconhecimento que é necessário para compreender, de maneira integrada e significativa, as diferentes mídias e seu funcionamento. Isso já vem ocorrendo — e deverá ampliar-se cada vez mais — a partir dos anos iniciais de escolarização.

Os educadores precisam, portanto, levar os alunos a desenvolver o conhecimento e as habilidades necessárias para produzir significados. Assim como as abordagens etnográficas utilizadas para compreender o fenômeno do letramento procuram entender os usos e os significados da leitura e da escrita em determinados contextos sociais, também a nova abordagem da multimodalidade pode contribuir para o entendimento dos contextos de comunicação, focando modos e mídias específicos, em determinados contextos sociais e culturais.

Internet: <ceale.fae.ufmg.br> (com adaptações).

Considerando o texto apresentado e os conceitos de semiótica, multiletramento e multimodalidade, julgue os itens a seguir.

- 62 O trabalho com o conceito de multimodalidade no ensino de língua portuguesa tem grande importância no âmbito da cultura digital de hoje.
- 63 Infere-se do texto que o ensino da leitura, quando atravessado pela noção de multimodalidade, prescinde de considerar o conhecimento prévio dos estudantes.
- 64 Infere-se do texto que o conceito de multiletramento está vinculado à importância de se aprender a decodificar prioritariamente textos escritos em diversos contextos de comunicação.
- 65 Aprender a ler, de acordo com o texto, é desenvolver habilidades que propiciem reflexão crítica sobre o ato da leitura e seus contextos.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino médio para o componente curricular de língua portuguesa, julgue os itens subsequentes.

- 66 Na BNCC de língua portuguesa, o campo da vida pessoal funciona como espaço de articulações e sínteses de aprendizagens de outros campos.
- 67 Conforme a BNCC, estudantes devem fazer uso competente da língua e de outras semioses, sem necessariamente desenvolver atitude investigativa e criativa em relação a elas.
- 68 Ao apresentar o contexto do ensino médio, a BNCC acentua a importância de fenômenos contemporâneos da comunicação digital e seus efeitos sobre o ensino da leitura.
- 69 A BNCC do ensino médio relega o texto literário a um lugar secundário nos processos de ensino de língua portuguesa.
- 70 De acordo com a BNCC, é preciso combinar práticas de cultura digital e obras de tradição literária nacional.

Pode-se verificar em que medida, em **Dom Casmurro**, Machado de Assis inova o tema: em primeiro lugar, ele abandona o clichê da mulher simultaneamente romântica e entediada, mesmo porque o leitor, por acompanhar a narrativa desde o foco de Bento Santiago, não tem acesso à interioridade de Capitu. Esse é, pois, o segundo elemento inovador proposto por Machado de Assis: a perspectiva é dada pelo marido traído, que, porém, nunca domina inteiramente a situação. Assim como não consegue conduzir sua vida de modo independente, permitindo que outros resolvam seus problemas, ele não tem sucesso ao tentar controlar a narração, razão porque o leitor não fica plenamente convencido do adultério de Capitu. O narrador não é, pois, inteiramente confiável, já que Machado de Assis semeia ao longo do texto uma série de dúvidas e incertezas, que minam a convicção que Bento Santiago procura transmitir. O romance acaba por abalar as certezas que se poderia ter em relação a seu assunto, já que o juízo relativamente à infidelidade conjugal de Capitu fica em suspenso. Por essa atitude, pode-se medir a coragem de Machado de Assis ao tratar a questão; afinal, seus precursores, entre os quais os renomados Gustave Flaubert e Eça de Queirós, não titubearam ao condenar as esposas pérfidas, pois essas prevaricam aos olhos do leitor. Além disso, a sociedade brasileira da época de Machado de Assis era fortemente machista, e a mera suspeita de adultério era motivo suficiente para um marido condenar a esposa. Evidencia-se o modo como o escritor brasileiro aceita compor um romance na contracorrente das ideologias vigentes e das tendências literárias dominantes. Ao romper com os paradigmas literários e sociais relativos ao adultério e à condição da mulher na sociedade brasileira, ele produz uma obra revolucionária que acabou por se converter em um clássico respeitado pela história da literatura brasileira.

Regina Zilberman. *Recepção e leitura no horizonte da literatura*. In: *Alea: Estudos Neolatinos*. V. 10, N. 1, janeiro-junho 2008, p. 95 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, referentes à leitura do texto precedente.

- 71 A análise do modo como Machado de Assis compôs “um romance na contracorrente das ideologias vigentes” (oitavo período) impossibilita a interpretação de que ele tenha produzido “uma obra revolucionária” (nono período).
- 72 O texto consiste em uma análise da construção de sentidos de outro texto: **Dom Casmurro**, de Machado de Assis.
- 73 As expressões “em primeiro lugar” (primeiro período) e “o segundo elemento” (segundo período) contribuem para a progressão textual coerente em direção à ideia principal: “O narrador não é, pois, inteiramente confiável” (quarto período).
- 74 A comparação expressa no terceiro período oferece ao leitor um detalhe de apoio à interpretação da ideia central do texto, qual seja, a do caráter não confiável do narrador.
- 75 No quarto período, a autora explicita o efeito da debilidade da convicção do narrador: o autor insere dúvidas e incertezas ao longo do romance.
- 76 A autora acrescenta ao texto elementos de sequenciamento espacial — “afinal, seus precursores, entre os quais os renomados Gustave Flaubert e Eça de Queirós” (sexto período) — e temporal — “a sociedade brasileira da época de Machado de Assis” (sétimo período).
- 77 No sétimo período, a palavra “marido” refere-se especificamente a Bento Santiago, personagem do romance **Dom Casmurro**, de Machado de Assis.
- 78 Considerado o exposto no quinto período, é coerente afirmar, em relação ao texto, que a “coragem de Machado de Assis”, mencionada no sexto período, pode ser medida por meio do contraste entre o autor brasileiro e os estrangeiros Gustave Flaubert e Eça de Queirós, quanto ao modo de abordar o tema do adultério.

Ao primeiro contato com um texto qualquer, por mais simples que ele pareça, normalmente o leitor se defronta com a dificuldade de encontrar unidade por trás de tantos significados que ocorrem na sua superfície. Numa crônica ou numa pequena fábula, por exemplo, surgem personagens diferentes, lugares e tempos desencontrados e ações as mais diversas. Na primeira leitura, parece impossível encontrar qualquer ponto para o qual convirjam tantas variáveis e que dê unidade à aparente desordem. Mas, quando se trata de um bom texto, por trás do aparente caos, há ordem. Quando, após várias leituras, encontra-se o fio condutor, a primeira impressão de desagregação cede lugar à percepção de que o texto tem harmonia e coerência. Para exemplificar o que foi dito, vamos ler uma pequena fábula de Monteiro Lobato e tentar demonstrar que, a partir da observação dos dados concretos da superfície, pode-se chegar à compreensão de significados mais abstratos, que dão unidade e organização ao texto.

José Luiz Fiorin; Francisco Platão Savioli.
Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2007, p. 35.

Considerando as informações e estruturas linguísticas do texto precedente, julgue os seguintes itens.

- 79 Fica evidenciada no texto a opinião de seus autores quanto à necessidade de os escritores se dedicarem a uma construção textual que facilite o desenvolvimento do prazer da leitura já que o texto — do mais simples ao literário — apresenta ao leitor dificuldades crescentes.
- 80 Na organização retórica do texto, reconhecem-se as seguintes etapas: generalização (primeiro período), exemplificação (segundo período), descrição (terceiro período), definição (quarto e quinto períodos) e exemplificação/especificação (sexto período).
- 81 No primeiro período, há relações de sentido baseadas na antonímia entre “mais simples” e “dificuldade”.
- 82 No segundo período, são mencionados elementos contextuais que, devido a sua caracterização, confirmam a dificuldade encontrada pelo leitor diante de um texto.
- 83 A partir da estrutura argumentativa do texto, infere-se que o propósito de seus autores é desestimular o leitor a encontrar no texto literário algo que dê unidade à desordem, visto que é “impossível encontrar qualquer ponto para o qual convirjam tantas variáveis” (terceiro período).
- 84 No texto, os autores demonstram que a impossibilidade da leitura dos significados mais abstratos de certas obras é um fato concreto, advindo da desagregação e do caos que as caracterizam.
- 85 No trecho “Quando, após várias leituras, encontra-se o fio condutor” (quinto período), há a informação implícita de que a efetiva compreensão de um texto requer que ele seja lido mais de uma vez.

Com o próximo casamento e partida para a Europa de minha filha Susana, andei arquitetando um meio de extorquir-lhe o meu retrato, feito por Candinho Portinari em 1938, que ora lhe pertence, de que muito gosto e que deve ter, aliás, na obra do pintor, certa importância, pois foi o primeiro, ao que eu saiba, realizado com inteira liberdade, depois da grande série de “retratos sociais” (chamemo-los assim, sem qualquer desdouro, nem para o artista, nem para os retratados) que ele andou pintando de alguns membros ilustres de nossa sociedade e de nossa inteligência. Lembra-me mesmo que, ao me propor fazê-lo, sabendo que eu estava de partida para a Inglaterra, Candinho sugeriu-me, com aquela eterna rabugice sua, que eu o deixasse pintar livremente, pois estava um pouco cansado do gênero de retratos que fazia e que tanto afagavam a vaidade da maioria dos retratados. Sei que em duas poses, em sua antiga casa das Laranjeiras, o retrato estava pronto e era como se se respirasse um novo ar dentro dele. Dias depois, estando eu no cais para embarcar em minha primeira grande viagem, chega ele sobraçando o retrato, que vinha oferecer-me. Mas a primogênita foi inflexível, no egoísmo do seu amor filial.

Vinicius de Moraes. **Para viver um grande amor**. 2008, p. 34 (com adaptações).

Em relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do texto apresentado, julgue os itens que se seguem.

- 86** Entende-se da leitura do texto que, do ponto de vista do narrador, tanto o amigo pintor (Candinho) quanto a filha primogênita (Susana) despertam lembranças que evocam o egoísmo.
- 87** Estariam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso o segmento “Com o próximo casamento e partida para a Europa de minha filha Susana, andei arquitetando um meio de extorquir-lhe o meu retrato” (primeiro período) fosse assim reescrito: **Com os próximos casamento da minha filha Susana e partida para a Europa, andei arquitetando extorquir o meu retrato dela.**
- 88** No segmento “que vinha oferecer-me” (quarto período), também estaria correto o uso de próclise do pronome ao auxiliar — **que me vinha oferecer.**
- 89** O trecho “Lembra-me mesmo que” (segundo período), em que o verbo **lembrar** é empregado de modo formal, pode ser reescrito, sem prejuízo de significação e mantendo-se o registro de formalidade, por **Eu me lembro que.**
- 90** No que se refere a relações entre orações e elementos de ligação, no trecho “era como se se respirasse um novo ar dentro dele” (terceiro período), observa-se hipótese cuja ideia é ratificada pelo emprego do verbo **respirar** no modo subjuntivo.

Paris, fim do inverno, 1979.

Apesar do frio, abri um pouco a janela, o cheiro no estúdio é insuportável. Tento fazer uma versão francesa de **Tecendo a manhã**, meu aluno de Neuilly-sur-Seine se interessou pela poesia brasileira, pinçou esse poema belíssimo e cabeludo do João Cabral de Melo Neto, e ainda me pediu um comentário, promessa de uma ótima gorjeta. É o aluno mais antigo, e o mais empenhado em aprender a língua portuguesa. A gente se conheceu no Café des Arts, onde eu distribuía folhetos anunciando aulas de português (Brasil). É um dileitante solitário, entusiasmado com a arte e a literatura da América Latina e da África. Nas primeiras aulas, depois dos meus comentários sobre a situação política na América do Sul, ele disse que as atrocidades só mudam de tempo e lugar. Ele se interessou pela poesia do João Cabral quando lhe mostrei **Estudos para uma bailadora andaluza**; quis ler outros, e assim chegamos ao **Tecendo a manhã**. “Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos.” Comecei a escrever uma versão francesa do poema, mas empaquei nestes versos: “e de outros galos / que com muitos outros galos se cruzem / os fios de sol de seus gritos de galo, / para que a manhã, desde uma teia tênue, / se vá tecendo, entre todos os galos”. Nesta solidão e com esse frio, sem fios de sol e gritos de galo, será difícil tecer a manhã em Paris.

Milton Hatoum. **Pontos de fuga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 59-60 (com adaptações).

Julgue os próximos itens, relativos a aspectos linguísticos do texto precedente.

- 91** Sem prejuízo à correção gramatical e aos sentidos do texto, o trecho “será difícil tecer a manhã em Paris” (último período) poderia ser reescrito da seguinte forma: **A manhã será difícil de que eu teça em Paris.**
- 92** No trecho “meu aluno de Neuilly-sur-Seine se interessou pela poesia brasileira, pinçou esse poema belíssimo e cabeludo do João Cabral de Melo Neto” (segundo período), o autor contrasta poesia e poema, uma vez que, em sentido literário, poesia é entendida como gênero de produção textual, de estrutura variada, que usa palavras como matéria-prima, ao passo que poema aponta obra específica da poesia, caracterizada por sua forma fixa, relativamente aos versos e às sílabas dos versos.
- 93** No trecho “A gente se conheceu no Café des Arts, onde eu distribuía folhetos anunciando aulas de português” (quarto período), o vocábulo “folhetos”, nesse caso, remete ao gênero textual do tipo informativo.
- 94** É possível inferir da leitura do segundo período que a relação entre as estruturas oracionais “Tento fazer uma versão francesa de **Tecendo a manhã**” e “meu aluno de Neuilly-sur-Seine se interessou pela poesia brasileira” evoca causalidade.
- 95** No segmento “entusiasmado com a arte e a literatura da América Latina e da África” (quinto período), a relação entre os constituintes que nomeiam os continentes pode ser feita corretamente com adjetivos da seguinte forma: **entusiasmado com a arte e literatura latino-americanas e africanas.**
- 96** O quarto período do texto pode ser reescrito, sem prejuízo da correção gramatical e com mais formalidade, da seguinte forma: **Conhecemo-nos no Café des Arts, que eu distribuía material de divulgação sobre minhas aulas de português.**

Manu, S. Paulo, 6-VIII-33

Estou fazendo *week-end...*, dando um balanço geral em tudo quanto tenho que responder, livros a agradecer, papelada pra distribuir nos lugares, etc., etc. Seus comentários sobre o meu “O desespera” quase que me desesperaram. Não é justo você dizer que pra mim é atual falar numa coisa, como se eu não me rendesse a razões plausíveis. Me rendo sim senhor. Confesso com lealdade que jamais refleti seriamente sobre isso, isto é, seriamente, refleti, sim, mas não refleti longamente. Mas a seriedade está nisto: emprego flexões pronominais iniciando a frase, coisa que literariamente é erro. Me parece etc. Devo empregar também literariamente “O desespera” porque o caso é absolutamente o mesmo. Se trata de uma ilação, é verdade, mas ilação absolutamente lógica sobre o ponto de vista filosófico, e tirada da índole brasileira de falar, o que a torna, além de filosoficamente certa, psicologicamente admissível. Diz você que não se trata dum fato de linguagem brasileira. Poderei estar de acordo. Mas isso se dá simplesmente porque o povo, pelo menos o povo rural que é a grande e pura fonte, ignora o pronominal, e diz, por exemplo, “fazer isso” e “dizer isso” “desespera ele” por fazê-lo e dizê-lo. Você tem o argumento dos alfabetizados da cidade. Sim, mas estes, desde que ponham um reparo na fala, já não dizem “me parece” também, porque o professor da escola primária proibia. Mas se dizem, sem querer, “me parece” por que, então, não dizem “o desespera”?

Ciao, com abraço.

Mário de Andrade. *Cartas a Manuel Bandeira*, 2001, p. 222-3 (com adaptações).

Julgue os próximos itens, acerca das ideias e de aspectos textuais e gramaticais do texto precedente.

- 97** O segmento ‘desespera ele’ (décimo segundo período) é exemplo de emprego de pronome do caso reto, em vez de pronome oblíquo átono, em posição de complemento verbal.
- 98** Em cartas pessoais, como as escritas por Mário de Andrade a Manuel Bandeira (“Manu”), o emprego de sinal de pontuação após o vocativo é facultativo.
- 99** Na carta, Mário de Andrade mostra interesse em apontar, a partir da questão da colocação pronominal, uma identidade linguística nacional brasileira.
- 100** Depreende-se das ponderações de Mário de Andrade que as diferenças no que se refere a aspectos da colocação pronominal no Brasil são facilmente explicadas com base no grau de escolaridade dos brasileiros.

Espaço livre